

SUICÍDIO: UM HOMICÍDIO DE SI MESMO

[2014]

Jonathas Rafael

Graduando no curso de Psicologia pela Instituição FACED - Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Divinópolis-MG (Brasil)

E-mail de contato:

jonathas.rafael@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo vislumbrar o suicídio na sua dimensão social. Desse modo, portanto, preconizando acerca de suas informações basilares como, por exemplo, a etimologia da palavra, a epidemiologia, os motivadores e os métodos utilizados. Ademais, as compreensões distintas por parte de teóricos, as contribuições do Sociólogo Émile Durkheim, ressaltando também os três tipos de suicídios por ele propostos, e a influência que o social exerce para o seu desencadeamento.

Palavras-chave: Émile Durkheim, social, suicídio.

INTRODUÇÃO

Percebe-se que a morte é um fenômeno inerente à existência de todas as espécies. No entanto, há contrastes em sua compreensão pelas culturas, isso, portanto, é nitidamente perceptível quando é ocasionada pelo ato suicida. Na cultura ocidental, por exemplo, a morte desencadeada pelo ato suicida é compreendida como uma denúncia de desordem psíquica e/ou social, sendo inclusive enclausurada pelos meios de comunicação em massa. Na cultura oriental, entretanto, comumente, é compreendida como um fato normal e de decisão peculiar do indivíduo que se encontra à procura de algum propósito.



No tocante aos estudos sobre o suicídio, torna-se relevante salientar que o mesmo é analisado por exímios intelectuais. Portanto, ao aprofundar-se no tema deve-se ter cautela e discernimento, pois a magnitude de pressupostos que há ao seu respeito no acervo científico é congruente às considerações contraditórias. Assim, não se atentando aos contrastes poder-se-á compreendê-lo de maneira equivocada.

Seguindo a linha de raciocínio do sociólogo Émile Durkheim (1969 apud ANGERAMI, 1986) de que “O suicídio é a trágica denúncia de uma crise coletiva”, este artigo tem por objetivo analisar o suicídio em sua dimensão social. É nítido que a sociedade, no limiar do século XXI, encontra-se submetida aos padrões impostos pelo sistema capitalista, tornando-se, portanto, uma máquina de consumo que funciona a todo o vapor. No entanto, não se restringindo senão em consumir bens materiais, mas também as relações sociais como afirma Bauman (2008) ao referir-se aos relacionamentos da contemporaneidade como “relações puras”. Ou seja, relacionamentos efêmeros, sem amor e amizade, desenvolvidos e regidos somente pela utilidade e pela satisfação.

Ademais, é relevante ressaltar que para o desenvolvimento deste artigo fora necessário embasar-se em referenciais teóricos de intelectuais que se dedicam a analisar o suicídio. Foram utilizadas pesquisas, apostilas e artigos científicos como base para o desenvolvimento dos temas. Ainda, que todos os textos utilizados foram elucidados na referência final como fonte de pretensas pesquisas pelo leitor.

1. SUICÍDIO

O suicídio, segundo Kovács (1992 apud ALBERT CAMUS [...]), pode ser considerado o único problema filosófico verdadeiramente sério. Porque cogitar sobre a vida, se ela vale à pena ou não ser vivida, é de incumbência fundamental da filosofia.

Para alguns teóricos e intelectuais, o ato suicida é compreendido como um homicídio, um homicídio de si mesmo, onde o indivíduo, então, exerce o papel de protagonista e o de produtor: é assassino e assassinado (MENNINGER, 1965 apud KOVÁCS, 1992).

No tocante à compreensão do ato suicida, torna-se relevante salientar que determinados teóricos e intelectuais analisam-no sob prismas distintos: há os que o compreendem senão em uma dimensão individual, ou seja, concepção de que somente o indivíduo determina a sua morte; e há aqueles que o compreendem em uma dimensão social e individual, ou seja, concepção de que a sociedade é quem induz o indivíduo a suicidar-se. Desse modo, portanto, em uma dimensão restrita, individual, compreende-se o ato suicida como uma autoeliminação consciente, voluntária e intencional. Em uma dimensão abrangente, social, compreende-o como um ato suscitado por processos autodestrutivos inconscientes, lentos e crônicos (LEVY, 1979 apud KOVÁCS, 1992).



Em síntese, indiferente dos contrastes existentes em suas compreensões, o que se pode saber com exatidão acerca do suicídio é que este fenômeno é demasiado complexo para poder compreendê-lo e identificá-lo com precisão, pois não está categoricamente relacionado aos acontecimentos recentes, mas pode, como comumente dados elucidam, estar relacionado a épocas passadas da vida do indivíduo (LEVY,1979 apud KOVÁCS,1992).

1.1. Etimologia da palavra suicídio

No acervo etimológico, a palavra suicídio apresenta distintos significantes. No entanto, Levy (1979 apud KOVÁCS, 1992), de maneira coesa e com uma sólida fundamentação teórica, postula que a terminologia suicídio é oriunda da junção de duas palavras: *sui e caedes*. A primeira significa si mesmo; a segunda significa ação de matar. Tornando-se, portanto, ação de matar a si mesmo. É relevante ressaltar que a palavra suicídio foi inserida no dicionário da língua francesa no ano de 1778.

1.2. Epidemiologia

Na contemporaneidade, nos Estados Unidos, o suicídio é considerado a oitava causa global de morte ulterior às doenças cardíacas, cancerígenas, cerebrovasculares, pneumonia, influenza, diabete, relacionadas aos fatores pulmonares crônicos e aos acidentes. Além disso, indícios elucidam também que o homem comete quatro vezes mais o ato suicida em relação à mulher. Porém o segundo tem, por sua vez, maior probabilidade de tentá-lo (Kaplan & Sadock, 2007).

Kastenbaum (1983 apud KOVÁCS, 1992) disponibiliza informações ainda mais precisas ao proferir que existem relações entre o ato suicida e a idade, pois indícios demonstram que a taxa de suicídio em indivíduos idosos é mais elevada: justifica-se devido aos acontecimentos extremamente desvitalizantes, ou seja, isolamento social, desemprego, aflições econômicas e perda de pessoas queridas. Ademais, que o índice de suicídio em homens é desencadeado devido ao maior nível de intolerância e que em países como, por exemplo, Hungria e Japão os suicídios são relacionados às práticas educativas e às repressões emocionais. A taxa de suicídio demonstra-se mais elevada em pessoas que vivem sozinhas.

No tocante ao Brasil, dados elucidam que a profissão mais vulnerável ao suicídio é a Medicina: justifica-se pelo fato de que esta é uma profissão cujos profissionais trabalham sob pressão e por estarem mais próximos às drogas. Em média, 5.000 adolescentes suicidam-se no país por ano. O ato suicida por jovens é desencadeado devido às suas famílias nucleares: justifica-se porque apresentam maior nível de separação entre os pais, alcoolismo, envolvimento



com ocorrências policiais e a justiça, fatores relacionados à susceptibilidade, rejeições e uma menor capacidade de suportar as frustrações (CARSSOLA, 1984 apud KOVÁCS, 1992).

1.3. Motivadores e métodos utilizados

Segundo Kaplan e Sadock (2007), o ato suicida pode ser motivado por distintos fatores. A saber, pela ocupação e profissão do indivíduo. Pela condição socioeconômica. Pela idade, como salientado anteriormente na epidemiologia. Pela raça e pelo uso de drogas. Além do mais, o ato suicida pode ser desencadeado devido à pertença aos sub grupos minoritários, pois são vulneráveis às situações de tensão, e pelo estado civil, pessoas solteiras são mais vulneráveis (KALINA E KAVADLOFF, 1983 apud KOVÁCS, 1992).

Segundo Angerami (1986), os indivíduos que tentam o ato suicida não categoricamente anseiam a desaparecerem, ou definitivamente morrerem, mas, sim, procuram por algo além como, por exemplo, o paraíso e a reencarnação. Ademais, complementa proferindo que, comumente, pacientes revelam em seus discursos que tentaram suicidarem-se porque buscavam muito mais do que morrerem, mas por ser a única alternativa cabível que acharam para as suas vidas. Assim, torna-se compreensível que busca ao suicídio é a tentativa de solucionar determinados conflitos existências. Desse modo, portanto, conclui que a morte surge como seqüência e não como uma busca deliberada. Logo, fica extremamente difícil identificar se os indivíduos ao tentarem suicidarem-se buscam realmente à morte.

No tocante aos métodos utilizados, Kaplan e Sadock (2007) postulam que entre os indivíduos do gênero masculino e feminino existem algumas distinções em relação ao método utilizado ao ato suicida. A saber, os homens, comumente, realizam o ato suicida utilizando de métodos mais agressivos como, por exemplo, armas de fogo, enforcamentos e/ou saltos livres de lugares íngremes. As mulheres, comumente, utilizam de métodos menos agressivos, não que os sejam, como, por exemplo, superdosagem de substâncias psicoativas e/ou veneno. A utilização de armas de fogo como método ao ato suicida em indivíduos do gênero feminino vem aumentando significativamente.

2. CONTRIBUIÇÕES DO SOCIÓLOGO ÉMILE DURKHEIM (1858 – 1917)

Nascido em Épinal no ano de 1858, especificamente no dia 15 de abril. Para Émile Durkheim, a sociedade é como um corpo biológico. Desse modo, deve ser analisada de maneira perspicaz para depois poder analisar a sua anatomia e descobrir as causas e as curas de suas doenças (DURKHEIM [...] apud MEKSENAS, [...]).

O insigne sociólogo foi quem primeiramente compreendeu o suicídio de maneira sistêmica, abordando questões que em épocas vindouras seriam nomeadas de interacionais, postulando ser um ato desencadeado e relacionado às crises no contexto social. Nessa linha de raciocínio, chegou à conclusão de que o indivíduo e a sociedade formam um binômio indivisível, tornando-se, portanto, um macro nessa temática (DURKHEIM, 1969 apud ANGERAMI, 1986). Ademais, é considerado um dos pais da Sociologia, tendo sido fundador da escola francesa, posterior a Marx, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica. Sendo relevante ressaltar também que é considerado, na contemporaneidade, um dos mais proeminentes teóricos do conceito da coesão social.

Segundo Durkheim (1971 apud KOVÁCS, 1992), em uma de suas obras (O suicídio, 1897), o suicídio é um ato influenciado pelo social e a cultura, nessa perspectiva, portanto, categoriza-o em três tipos. São eles:

a) Suicídio egoísta: refere-se à vontade pessoal do indivíduo e é resultado de uma individualização exacerbada. É suscitado devido à falta de laços firmes a algum tipo de grupo social. Sendo relevante ressaltar que pode ser menos ocorrente em sociedades interacionistas onde há mais vínculos afetivos.

O ato nesse tipo de suicídio é justificado pelos indivíduos por estarem inseridos em uma sociedade ativista e, portanto, sentem-se desesperados, sem razões significantes para continuarem a viverem e a única solução plausível que consideram é dar fim às suas vidas (DURKHEIM, 1971 apud KOVÁCS, 1992).

b) Suicídio altruísta: refere-se à intensa integração do indivíduo em grupos sociais. Motivos externos como a desonra podem levar à condenação. É, portanto, perceptível o suicídio altruísta em formas de ritos martírios e sacrifícios.

Como exemplificação tem-se kamikazes japoneses, os mulçumanos e casos no exército, devido à intensa disciplina (DURKHEIM, 1971 apud KOVÁCS, 1992).

É importante ressaltar que as taxas desse tipo de suicídio são mais elevadas em países ricos, pois os pobres conseguem lidar melhor com as situações desse teor (Cabral, 2013).

c) Suicídio anômico: refere-se à situação **anomia social**, ou seja, quando a sociedade está desprovida de regras. Assim, gerando intensa frustração se a normalidade anterior não for mantida.

Como exemplificação desse tipo de suicídio tem-se, por exemplo, as crises econômicas, onde há um desajustamento integral das regras normais da sociedade. Logo, determinados indivíduos ficam em condições inferiores a que ocupavam anteriormente (Cabral, 2013).

Ademais, seguindo a linha de raciocínio de que o ato suicida é induzido pelo social e a cultura, Durkheim objetivou compreender qual era a visão e as influências que as religiões exerciam para tal. Desse modo, portanto, será contextualizado, a seguir, para a melhor compreensão.

As religiões, comumente, repudiam e castigam de maneira veemente a interrupção da vida. Objetivam considerá-la como um sagrado dom de Deus que, por sua vez, o homem não desfruta de nenhum direito de interromper voluntariamente (PESSINI, 1999; BATHIA, 2002 apud MOREIRA E LOTUFO, 2004).

As religiões como, por exemplo, o Cristianismo, o Islamismo, o Judaísmo e o Hinduísmo mesmo com algumas considerações variadas são contra o ato suicida. Portanto, torna-se relevante ressaltar também que até mesmo o Budismo não ruminando acerca da existência de Deus, repudia com veemência o ato suicida.

Durkheim fora muito perspicaz quanto ao estudo das relações entre o suicídio e as religiões. Comparou as taxas de suicídio em distintos países. Considerou primordialmente a religião predominante em cada um deles. Assim, os resultados denunciaram que, em média, há uma probabilidade de 50% a mais de ocorrência do ato suicida em países onde a religião predominante é a do protestantismo do que em países que professam as doutrinas do catolicismo (DURKHEIM, 1966 [...] apud MOREIRA E LOTUFO, 2004 [...]).

Mesmo que as Religiões, comumente, repudiem o ato suicida, é pernicioso analisar a taxa de suicídio avaliando somente pelo viés religioso, pois os indivíduos podem afirmar que professam os dogmas de alguma determinada religião, porém não ser legítima a afirmação. Portanto, existem métodos de avaliar o nível de religiosidade do indivíduo como, por exemplo, analisando a frequência das atividades de seu grupo de pertença religioso (KOENIG, 2000 apud MOREIRA E LOTUFO, 2004).

As denominações Religiosas, por sua vez, contribuem para o ato suicida não ser realizado, pois fazem com que os indivíduos se interajam constantemente, sentindo-se importantes. Funcionam como uma rede de apoio (Moreira e Lotufo, 2004). Nesta perspectiva, portanto, o sociólogo Durkheim salienta que as crenças e as práticas são as dimensões integradoras das religiões. Quanto mais numerosas e fortes forem elas, maior será a integração das pessoas à vida do grupo e menor será a probabilidade de suicídio. A participação do indivíduo no grupo dá à vida maior sentido, provê significado através da devoção aos outros, fornece uma ideologia, distraindo as pessoas de problemas pessoais que poderiam, em outras circunstâncias, liberar tendências suicidas (DURKHEIM, 1966 apud MOREIRA E LOTUFO, 2004). Portanto, as religiões são um significativo fator mitigador dos atos suicidas.

3. A INFLUÊNCIA DO SOCIAL

Percebe-se que na contemporaneidade o homem moderno do Ocidente compreende o suicídio como um comportamento que denuncia algum acontecimento, uma insatisfação, do contexto onde está inserido, sendo considerado a sua ação de maneira mais autônoma. Entretanto, em épocas antecedentes, o suicídio era compreendido e até repudiado pelas culturas (KALINA E KOVADLOFF, 1983 apud KOVÁCS, 1992).

Desse modo, portanto (KALINA E KOVADLOFF, 1983 APUD ANGERAMI, 1986), em sociedades antigas as comunidades preocupavam-se mais com o comportamento individual dos cidadãos. Entretanto, em sociedades contemporâneas, é perceptível que a preocupação ao regimento coletivo é eminente. Os indivíduos são obrigados a seguirem os padrões impostos, restando-lhes apenas duas saídas. São elas:

- a) **O suicídio coletivo:** socialmente legitimado, onde enquadra vícios alienações e submissão ideológica;

- b) **O suicídio pessoal:** referem-se às questões extremistas políticos, que se encontram inflamados na modernidade.

Ademais, na sociedade moderna, muitos atos, e não somente os suicídios, estão assumindo caráter de normalidade. O homem moderno está acompanhando as tendências destrutivas. Portanto, o suicídio é um fenômeno que não deve ser analisado e compreendido de maneira individual, pois desqualifica as possibilidades de compreensão da realidade.

Por conseguinte, presume-se que em uma época onde já se efetivou a legitimação cultural das condutas autodestrutivas, a função da sociedade é guiar os indivíduos a essas condutas de maneira astuta, pois ao adaptarem-se, irão obedecer, obedecendo-a nada será alterado senão a favor dos interesses do poder político e econômico. No entanto, o processo de guia aos indivíduos, comumente, comete falhas e os atos suicidas fracassam as expectativas da sociedade.

Por fim, mesmo que o suicídio seja analisado senão como um ato individual, apresentando comportamentos de isolamento do contexto social e baixa autoestima, percebe-se que a sociedade contribui significativamente para o seu desencadeamento. Não somente do suicídio, mas também de patologias e a despersonalização dos indivíduos (KALINA E KOVADLOFF, 1983 apud ANGERAMI, 1986).

4. CONCLUSÃO

Infelizmente, as pessoas da cultura ocidental têm uma concepção simplória acerca dos fenômenos. Isso, portanto, torna-se nítido como, por exemplo, quando se refere à morte, e ainda mais quando é suscitada pelo ato suicida. A cultura oriental, entretanto, realiza o suicídio e o compreende como uma maneira de honrar ou buscar a um determinado propósito; compreende-o como uma denúncia ou uma insatisfação do meio onde o indivíduo está inscrito. Desse modo, portanto, percebe-se que preconizar acerca do suicídio é uma tarefa árdua, pois o campo de estudo é abrangente e ao mesmo tempo repleto de contrastes.

Devido à realidade da sociedade onde coabitamos, não se poderia sucumbir à concepção que analisa e considera o suicídio senão como uma ação individual. Isso, porque as relações íntimas estão cada vez menos duradouras, ou pelo menos as que necessitam de afeto e atenção. Sendo assim, presume-se que o suicídio seja uma denúncia dessa realidade que a cada dia, de maneira silenciosa, abarca as relações sociais.

Enfim, é perceptível que este artigo não objetivou abordar determinadas questões, que talvez sejam de primordial instância, mas fora realizado de maneira atenciosa para elucidar que o ser humano não deve ser compreendido somente em uma concepção individual. Sendo assim, deve-se compreendê-lo conforme sua realidade, época, cultura e sociedade onde esteja inserido. Devemos nos atentar à realidade, pois, talvez, seja ela a única que nos revela, mesmo que de maneira abrupta, o caminho no qual estamos trilhando na história.



REFERÊNCIAS

ARGERAMI, Valdemar Augusto. **Suicídio:** uma alternativa à vida, uma visão clínica existencial. – São Paulo: Traço Ed.: 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias; tradução: Carlos Alberto Medeiros. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 2008.

CABRAL, João Francisco P. Sobre o suicídio na sociologia de Émile Durkheim. Colaborador Brasil Escola, Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. 2013.

KAPLAN & SADOCK. Compêndio de Psiquiatria Ciência do comportamento e psiquiatria clínica.: Tradução: Claudia Dornelles ... [et al.]. –Porto Alegre: Artmed, 2007.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e desenvolvimento humano. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

MEKSENAS, Paulo. **Aprendendo sociologia:** A paixão de conhecer a vida. –Edições Loyola 6º edição.

MOREIRA, AM; LOTUFO, FN. Religião e Comportamento Suicida. 2004.

